

O DIÁRIO: RELAÇÃO DO ALUNO COM A LÍNGUA, A ESCRITA E A ESCOLA

Carla Adriana Fernandes Alves Patronieri*

Resumo:

O artigo a ser apresentado é um recorte da dissertação de mestrado A escrita de diários: interlocução e inscrição subjetiva de estudantes de ensino médio do IFSULDEMINAS em relação à língua portuguesa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. Investiga-se, com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, o funcionamento da escrita de diários por sujeitos-alunos do Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Câmpus Inconfidentes. Observa-se o diário como elemento mediador do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa pela possibilidade de através dele despertar no sujeito o desejo de escrever. Sob o pressuposto de que a desenvoltura da escrita vem se mostrando insuficiente em diversos âmbitos de comunicação entre os estudantes, trabalha-se a hipótese, a partir da proposta e observação de atividades de ‘escrita de si’ na escola, de que os diários contribuem, de maneira profícua, para o trabalho com a escrita na disciplina de Língua Portuguesa, para além do imaginário de escrita aí instalado. Análises de recortes dessa escrita e da interlocução que ela proporciona são feitas por temas discursivos, de acordo com a regularidade com que se apresentam nos textos. O artigo analisa recortes de textos de uma estudante que escreve sobre a relação com a condição da mãe alcoólatra. Observou-se que, no processo da elaboração de uma escrita de si, o sujeito-aluno se constitui e, por meio dela, o sujeito se inscreve na linguagem escrita, produzindo-se, assim, além de uma relação singular de interlocução entre os sujeitos aluno e professor, a exposição de pontos da subjetividade que demandam atenção daquele que se vê tomado pelos efeitos daquilo que o gesto de escrever expõe, para além das intenções de quem escreve. Ao aproximar-se desses sentidos, o professor pode trabalhar com uma presença que propicia a oportunidade de o sujeito-aluno expor suas ideias sem os constrangimentos comuns no funcionamento do discurso pedagógico.

Palavras-chave: língua portuguesa; diário; escrita de si; análise de discurso; interlocução.

* Contato: carla.patronieri@ifsuldeminas.edu.br.

Abstract:

The research to be presented is an outline of a dissertation The writing of diaries: interlocution and subjective inscription of High School students from the Instituto Federal do Sul de Minas in relation with Portuguese Language on development at the Language Sciences Postgraduate Program, at Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. It aims to investigate, based on the theoretical and methodological assumptions of French Discourse Analysis, the process of writing diaries. We developed this research with subject-students of the Technical Course in Agriculture, at Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas - Campus Inconfidentes. It is observed the diary as a mediator in Portuguese Language teaching and learning process and the possibility of arising in the student the wish to write. Under the assumption that the development of writing has been proving to be inadequate in many areas of communication among students, we work with the hypothesis, based on the proposal and observation of 'Self-writing', that the diaries can contribute, fruitfully, to the writing tasks of Portuguese issue, beyond the writing imaginary there placed. The analysis of the diaries outlines and the interlocution that it provides are performed through discursive themes according to the regularity that they are presented in the texts. This paper analysis text outlines of a student that writes about the relation with an alcoholic mother. It was observed that, in the self writing process, the student constitutes him or herself, far from a singular relation of interlocution among the subjects students and teacher, the exposing of subjective points that demand attention from the one who sees him or herself drowned by the effects of what the writing act exposes, beyond the intentions of who writes. When approaching these senses, the teacher can work with a presence that provides the opportunity for the students to present their ideas without the common constraints in the functioning of pedagogic discourse.

Keywords: Portuguese; diary; self-writing; discourse analysis; interlocution.

Introdução

Em minha prática como professora de Língua Portuguesa, iniciei, há algum tempo, um trabalho com o gênero textual diário. A partir daí, comecei a lidar com questões que vão além do simples aprender a língua formalmente na escola, para adentrar outro universo de questões que a escrita envolve.

A ideia geral da pesquisa da qual se extrai o tópico deste artigo é sistematizar e compreender teoricamente de que maneira essa produção textual, em diários, desloca a formalização da escrita e, conseqüentemente, possibilita a circulação de outros sentidos no texto e no espaço escolar. Pretendo investigar, por meio da análise discursiva da escrita dos diários, de que modo a produção textual torna-se um dispositivo de ruptura do predomínio de um discurso autoritário, em direção a um discurso polêmico, segundo a tipologia proposta por Orlandi (2011a) e de uma escrita isenta do sujeito a outra em que ele nela irrompe.

Nesta apresentação, abordaremos uma de nossas questões de pesquisa: *como as questões sociais, em geral silenciadas em sala de aula, podem ser trazidas ao nível da comunicação, da exposição e da formulação, ao serem trabalhadas através da escrita de diários.*

1. Procedimentos teórico-metodológicos

Este trabalho fundamenta-se, como foi dito, nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso. A “Análise de Discurso tem como unidade [de análise] o texto”, como nos ensina (ORLANDI, 2010, p. 16), que é remetido às suas condições de produção para ser compreendido em seus efeitos de sentido. Partindo dessa concepção, selecionamos recortes de textos dos diários escritos pelos alunos do Ensino Médio do IFSULDEMINAS - Câmpus Inconfidentes. O procedimento de coleta e análise de dados foi feito de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa em vigor na Univás¹.

2. As condições de produção

Na trama dos conflitos (em) que (se) envolve(m) o sujeito em sua condição de aluno, o seu texto deixa pistas da magnitude com que conflitos afetam a língua em seu dizer, ao traçar no papel um emaranhado de ideias-sentido: interrupções abruptas da linearidade sintática, repetições aparentemente vazias de palavras, inexpressividade do texto pelo sujeito ausente dele. Conforme Orlandi (1988, p. 230) “[...] alguma coisa vaza e, quando se força em direção à completude, rompe-se o discurso”.

Nas condições de produção do diário no contexto escola, o sujeito-aluno imagina um interlocutor a quem relatar seus conflitos - interlocutor muitas vezes não imaginário nas situações do cotidiano. É a dinâmica da vida contemporânea: estar sozinho. Mesmo no contexto das famílias esse isolamento é uma constante: meu quarto, meu computador, meu celular. Na escola constatam-se amizades passageiras geradas por interesses imediatos. Outras são encontros marcantes, fogem ao mero coleguismo e perduram.

¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em agosto de 2014.

Na enunciação dos relatos conflitos são encontrados com regularidade. Conforme Payer (1995, p. 62), observando sujeitos tomados por direções ideológicas de sentidos diferentes nos movimentos sociais, em seus enunciados nota-se que “[...] alguns sentidos nem chegam mesmo a poder se formular no domínio do dizer, e encontram outras formas de manifestação [...]”. De fato, na escrita dos textos, observa-se que alguns alunos não conseguem formular sua enunciação, tal a intensidade de conflitos que enfrentam e, conseqüentemente, em seu texto, os conflitos se materializam através de equívocos. Por isso mesmo, o gesto de tentativa de formular, de escrever, para esse sujeito, é muito produtivo, pois é um exercício que, com a participação do professor, o leva a (re)conhecer o que escreveu e, por consequência, a conhecer os sentidos que ali se apresentam, em gestos de desdobrar-se (PAYER, 2012) sobre os sentidos através da escrita.

A bebida alcoólica é um dos muitos temas que aparecem tratados nos diários. O diário faz referências ao alcoolismo na família, inclusive da mãe. A inversão dos papéis sobrecarrega o adolescente que, em algumas circunstâncias, passa a ser esteio do pai ou da mãe.

3. As análises

Na sequência dos recortes de S1 notam-se as aflições que constroem a trama da história de vida da estudante, e que, nas rupturas e contradições de seu dizer, deixam marcas de idiosincrasias.

R1 – “Eu e minha mãe não damos muito certo, pois minha em finais de semana gosta de beber é ela não sabe beber com moderação, bebe é muito apesar que ela não pode. [...] Sofro muito com minha mãe, quando ela bebe. Não gosto de ver ela tonta. Por isso quando meus colegas de fora me oferecem bebida falo não pois *não quero puxar para minha mãe*”.

R2 – “Estou cansada de tantos problemas; *como já lhe disse uma vez minha mãe bebe*. Hoje recebo a notícia que faz exatamente uma semana que minha mãe bebi. Fico muito triste, pois ela tem muitos problemas de saúde, é ainda bebi [...]”.

R3 – “Minha mãe fico doente, tive que passa minha férias em casa cuidando dela. Foi muito ruim. E estou preocupada com ela pois *ela bebe (muito)* fico até constrangida em dizer”.

R4 – “Esta semana, minha mãe teve começo de infarto. Sofro muito por saber que é por causa da maldita pinga. Apesar de brigarmos muito, de não conversarmos sobre o que sinto o que ela sente, amo-a, ela é uma coisa muito importante na minha vida, *ela e a base do meu viver do meu ser ou seja ela sou eu. Pedi ela pra parar de beber [...]*”.

A temática é constante nos recortes de S1: o vício da mãe. No recorte 1, a ausência da mãe fica marcada no texto. S1 escreve: “(...) pois minha em finais de semana gosta de beber (...)” A palavra *mãe* é suprimida, visto que, falta a S1 a presença de quem exerça a função de mãe. Nesse mesmo recorte, S1 relata seu sofrimento: “Sofro muito com minha mãe (...)” Observa-se que a mãe funciona sintaticamente como objeto da filha, e não o inverso, como é mais comum acontecer.

A convivência conflituosa de mãe e filha vai se agravando: a mãe não lhe serve de modelo. Embora essa ‘rejeição’ seja enfatizada nos recortes, a circunstância de enfermidade aproxima mãe e filha, a quem cabe a responsabilidade de zelar pela mãe. Nesse passo, como se nota, a mãe passa de função materna a objeto de cuidados da filha adolescente. A situação produz contradições entre os dizeres de S1, que expressa preocupação/afastamento e afeto/aproximação, simultaneamente. A argumentação às vezes perde a sua rigidez e dá oportunidade à brandura ao falar da mãe. Apesar da prevalência do vício, há circunstâncias de aproximação entre mãe e filha, como se pode constatar nestes fragmentos:

1. “[...] não quero puxar para minha mãe”.
2. “[...] ela e [é] a base do meu viver do meu ser ou seja ela sou eu” (grifo meu).
3. “Pedi [a] ela pra parar de beber [...]”.

No primeiro fragmento de S1, a enunciação é incisiva na rejeição à mãe em função do problema de saúde, o alcoolismo que tira dessa filha a oportunidade de ter a mãe como modelo e objeto de amor.

No fragmento 2, os sentidos contraditórios explodem em uma formulação inusitada: *ela sou eu*. O fragmento escapa da linguagem literal e apresenta a

metafórica. Segundo Milner (1982 *apud* PÊCHEUX, 2012, p. 51) “[...] nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia”. A plasticidade da poesia, que não demanda aparatos, existe no uso singelo da língua comum. Há um sentido poético no “ela sou eu” com que S1, de maneira singular, expressa a identificação com a mãe. Como reforça Mariani (2007, p. 55), “[...] o poético não está fora da linguagem, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões”.

Ainda no fragmento 2, observa-se a transmutação dos efeitos de sentido que enfatizam outra imagem da mãe e sua imprescindibilidade. Há uma inversão de posições. S1, nesta construção contraditória e poética, assume a posição de cuidadora da mãe, o que não seria próprio da posição de uma filha, sobretudo na adolescência, conforme um mundo “semanticamente normal” (PÊCHEUX, 2012).

A partir dessa posição incomum que ocupa S1, como cuidadora da mãe, podem-se apontar no enunciado “ela sou eu”, outras formulações possíveis:

- a) A minha mãe sou eu;
- b) Eu sou a mãe;
- c) Eu sou a minha mãe;
- d) Eu não sou a minha mãe.

Observam-se nessas formulações conflitos de identificação com a posição sujeito. S1, em *a* e *c*, fala do lugar de cuidadora de si mesma, dada a situação da mãe subjugada pelo vício. No enunciado *b*, S1 se posiciona *como mãe*, é ela quem dispensa à mãe cuidados necessários. Em *d*, há traços de sua identidade própria. S1 não se confunde com a mãe e nem se compara a ela. Ao mesmo tempo, produz um efeito de desejo de negação da situação em que se encontra.

A imagem que S1 faz da mãe se modifica, se alterna, se contradiz: da rejeição, à comiseração, ao amor filial. Mas seus enunciados não deixam de remeter ao ‘cuidado do outro’. Daí a relevância do desejo manifesto por S1, que enuncia, ainda, da posição de quem cuida, conforme fragmento 3: “Pedi [a] ela pra parar de beber [...]”.

Um outro aspecto que nos chama a atenção diz respeito ao modo de nomear o problema de saúde da mãe, aos contornos da nomeação que se insinuam nos escritos de S1. Como a realidade inegável do vício da mãe é opressiva e constrangedora, ao declarar que a mãe bebe (muito), como se constata no recorte 3, o uso dos parênteses na palavra *muito* sugere uma revelação ao ‘pé do ouvido’, como que para si mesma.

Chegaria a ser talvez inadmissível para S1 esta declaração a plenos pulmões. Quando escreve a palavra ‘muito’ entre parênteses, o efeito é de como se fosse algo que pudesse ser apagado imediatamente após a leitura do professor, tal o teor confidencial, supostamente assustador, da declaração, para o sujeito que o enuncia. Como pude notar na escola, a aluna empenha-se em manter esta informação fora do alcance de comentários alheios, mas, quase sempre, um segredo ‘insuportável’ procura um ouvido para compartilhar. Para S1, essa procura é a da leitura do professor, de modo que um interlocutor imaginado e desejado possa se materializar: “Estou cansada de tantos problemas; como já *lhe* disse uma vez minha mãe bebe” (R2).

Este é um aspecto interessante da escrita no gênero diário, quando na escola ele funciona, à semelhança da correspondência – ambas dinâmicas de uma “escrita de si” (Foucault, 2004), como procura de uma interlocução que “atenua as dores da alma”. Um fato análogo ocorreu com outra estudante que, ao escrever um segredo, a lápis, no diário, solicitou que esse registro fosse apagado logo que terminasse a leitura. Para o sujeito que o escreveu, era imprescindível, na interlocução, que o professor a ‘ouvisse’, mas era preciso também que nenhum registro permanecesse no diário, para que o segredo se mantivesse como tal, em sua condição de não dito. Nesse tipo de trabalho com a escrita, o sigilo é condição para o estudante continuar escrevendo o que *lhe* é substancial, ‘abrindo-se’, assim, para a professora. Há aí o funcionamento do silêncio (ORLANDI, 2011b), uma vez que, em nossa sociedade, segundo Foucault (2012, p. 9), “[...] sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, e o diário, no caso de S1, tange os limites do que pode ser dito socialmente.

4 Considerações finais

O diário é um espaço em que poderá ser escrita parte da história ou das experiências e vivências singulares do sujeito. Ao vencerem as barreiras da falta de hábito de escrever e do receio de se romper o silêncio, ao se lançarem no universo simbólico que somente a materialidade da escrita propicia, os sujeitos alunos deixam pistas de sentidos que vivenciam silenciosamente, sobre os quais faltam espaços sociais de compartilhamentos que os possa “conter”, compreender e dar retornos significativos. Na tentativa de compreender os silêncios que se instauram nos dizeres dos alunos, observamos que existem traços de um discurso autoritário funcionando

socialmente. Esse discurso, percebido tanto no meio familiar, quanto no meio escolar, poderá tornar-se polêmico se for dada ao sujeito-aluno-filho ou retirada dele a ‘possibilidade de ter voz’.

Há silenciamento em casa e na escola. E o que é silenciado em casa encontra sentido em outro lugar: na escola, na rua. Quando este outro lugar é a escola, é aí que entra a importância do ‘ouvir’, da interlocução atenta dos professores e, através da escrita, de um investimento subjetivo capaz de dar suporte às simbolizações necessárias aos sujeitos. São esses mestres que, com sensibilidade e experiência, serão capazes de perceber que o ‘silêncio significa’, e de ir na direção da interlocução.

O diário é como se fosse uma ponte entre sujeito-aluno e ele mesmo, através da materialidade mesma da escrita, por sua forma e universo próprios. É uma ponte entre esse sujeito e o professor e, nessa interlocução, criam-se vínculos que lhes proporcionam uma relação transferencial que desperta neles o desejo de escrever e de saber, colocando-os na posição efetiva de aprendizes. Ao conhecer melhor os sentidos presentes para o sujeito-aluno, superam-se barreiras antes mais difíceis de se vencer, e a língua, que ora parecia ‘madrasta’, se torna um pouco mais-terna, materna. Assim, o sujeito-aluno se constitui com sentidos que irrompem e se (re)constroem em seu dizer. É nesse contexto que os diários contribuem, de maneira profícua, para o ensino da Língua Portuguesa. Daí a proposta: a escola pode e deve voltar-se para uma prática da escrita de si.

O diário vem, assim, a ser uma forma de rompimento com o discurso autoritário que circula na escola e fora dela. Uma ruptura que, conforme Payer², “possa provocar deslocamentos sem criar vazios que o sujeito não possa atravessar”.

Referências

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos e Escritos, v.5)

MARIANI, B. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. **Revista Trama**, Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v. 3, n. 5, p. 55-71, 2007.

ORLANDI, E. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: _____ (Org.). **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988.

² Aula do dia 12/09/2014.

_____. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. L. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem:** discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. O discurso pedagógico: a circularidade. In: _____. **A linguagem e o seu funcionamento:** as formas do discurso. 6.ed. Campinas, SP: Pontes, 2011a.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 2.reimp. Campinas, SP: Unicamp, 2011b

PAYER, M. O. **Educação popular e linguagem:** reprodução, confrontos e deslocamentos de sentido. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

_____. O trabalho da memória no discurso. In: ALMEIDA, E.; MALUF-SOUZA, O.; SILVA, V. (Orgs.). **Sujeito, sociedade, sentidos e memória.** Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas. SP: Pontes, 2012.